

■ Uma análise das percepções sobre a violência entre jovens da periferia no ambiente escolar

 Felipe de Lemos Cabral*

Resumo: Esta pesquisa se utiliza da perspectiva de Howard Becker (2008) sobre o papel da percepção de grupo com relação ao comportamento desviante para tecer uma metodologia de análise da violência no contexto escolar. Para tanto, o presente trabalho pretende levantar alguns dados referentes à percepção do que seja comportamento violento no ambiente escolar entre jovens estudantes do Ensino Médio. A metodologia de pesquisa utilizada parte da hipótese da influência da percepção de grupo no comportamento desviante para construir uma pesquisa capaz de compreender como o grupo de estudantes de uma escola de Ensino Médio percebe o que é violência em seu contexto. A pesquisa compreende um questionário de respostas objetivas aplicado sobre uma amostra de turmas homogêneas de uma escola de Ensino Médio da periferia de Brasília. Ainda que a amostra seja pequena, dada a magnitude da pesquisa, esperamos encontrar algumas indicações sobre a percepção geral entre os estudantes dessa faixa etária e da região pesquisada, e sobre o que consideram comportamento violento. Dessa forma, desejamos - mesmo que de forma inicial -, tecer algumas generalizações e desenvolver algumas hipóteses sobre tópicos específicos relacionados ao tema da violência no ambiente escolar.

Palavras-chave: Violência, Escola, Percepção.

Introdução

O presente trabalho pretende aprofundar algumas questões acerca da percepção da violência entre os jovens em escolas do Distrito Federal e a sua participação na construção do jovem enquanto sujeito da educação. A violência entre os jovens nas escolas normalmente está associado a uma série de fatores externos e internos, ou seja, a violência está associada a fatores sociais externos à escola, mas também a uma série de condicionantes atribuídas especificamente aos jovens. Nossa pesquisa deseja refutar algumas dessas hipóteses através da análise de dados empíricos e teóricos.

Inicialmente, a pesquisa pretende determinar o grau de percepção da violência entre os jovens em um contexto específico, o da escola. Seguindo essa premissa teórica pretendemos estabelecer um parâmetro seguro para abordar

a questão da violência nas escolas, certamente um tema que causa preocupação entre os profissionais da educação e as famílias, sem recorrer a fatores puramente externos ou a teorias psicológicas de cunho moral, gostaríamos de estabelecer um marco teórico e empírico consistente para o desenvolvimento sociológico do tema.

Do ponto de vista metodológico, pretendemos estabelecer um padrão para um estudo de caso baseado em respostas objetivas a uma pesquisa. Inicialmente esse método parece apropriado por elaborar um estudo de caso consistente. Obviamente a percepção da violência é um tema complexo que exigiria uma metodologia mais variada, no entanto a escolha desta metodologia de pesquisa se deve a uma tentativa de elaborar uma primeira aproximação relevante em um contexto específico.

* Felipe de Lemos Cabral é professor no Centro de Ensino Médio 404 de Santa Maria – CRE Santa Maria – SEEDF, e mestre em Ciências Políticas pela UnB.

Procedendo dessa forma gostaríamos de estabelecer alguns pontos que podem contribuir com o debate teórico e metodológico do enfrentamento da violência juvenil nas escolas. Primeiramente, e fundamentalmente, é preciso estabelecer uma base de dados segura que sirva de referência sobre a cultura do grupo juvenil e sobre o que é considerado como violência no contexto específico da escola. Com isso, a pesquisa torna-se capaz de dar satisfação acerca dos padrões de comportamento que podem auxiliar na identificação de respostas violentas às regras escolares. Em seguida, a pesquisa pode ajudar a estabelecer um diálogo com as pessoas que transgridem algum tipo de norma ou padrão comportamental – a quem chamaremos de outsiders, seguindo a nomenclatura utilizada por Becker (2008) – que são os jovens em situação de desvio no contexto da violência escolar. Este trabalho pode também contribuir com a formatação de regras que detectem melhor a percepção da violência no contexto escolar. Nesse sentido, o resultado deste trabalho pode servir como instrumento que auxilie políticas públicas e mesmo o desenvolvimento de metodologias para o enfrentamento da questão por parte de educadores e da comunidade escolar em geral.

A violência como percepção de grupo

Do ponto de vista teórico, a violência juvenil está associada a um comportamento tipicamente desviante dos jovens. O comportamento desviante em diversas pesquisas remete a uma condição do indivíduo. O indivíduo é retratado com uma pré-disposição ao ato desviante, normalmente, associado a termos psicológicos. Em resumo, a origem do desvio está de certo modo ligada ao caráter pessoal do indivíduo (OLIVEIRA, MARTINS, 2007). No caso do jovem, em especial, a opinião corrente é que é um ser em formação, incompleto, intrinsecamente avesso a regras, e por isso mesmo, rebelde (LOUREIRO, QUEIROZ, 2005). Por outro lado, outras pesquisas procuram a origem do comportamento desviante em fatores sociais externos. Nesse tipo de pesquisa, uma série de fatores sociais, como nível de renda, cultura, instrução pregressa da família, por exemplo, contribuem para determinar a predisposição do jovem para a violência (PIEROBON, BARAK, HAZRATI, JACOBSEN, 2013).

No entanto, seguindo o trabalho de Becker (2008), o comportamento desviante possui um componente que diz respeito à própria percepção do desvio. Desde esse ponto de vista, o *outsider*, o sujeito desviante retratado por Becker (2008), está em desacordo com regras impostas por um determinado grupo social dominante. Não é possível, portanto, determinar o comportamento desviante somente a partir do próprio sujeito, mas deve-se levar em consideração aquilo que é considerado ou não como desvio naquele contexto. Dessa forma, o foco da pesquisa passa do sujeito desviante para o restante dos participantes daquela conjuntura. Examinar o comportamento violento do jovem é mais do que estudar seus fatores internos e externos condicionantes; uma possibilidade é pesquisar a reação do grupo àquele comportamento.

Ainda segundo Becker (2008), o comportamento desviante não se trata - como muitas pesquisas sociológicas apontam - de uma correlação simultânea entre diversas variáveis que supostamente seriam causadoras do comportamento desviante em dado momento. O autor propõe uma alternativa de concepção na noção de *carreira*. O conceito de *carreira*, usada no contexto de desvio comportamental, propõe que o comportamento desviante seja analisado através do tempo. Ou seja, o *outsider* passa por uma série de eventos localizados temporalmente que, em conjunto, constroem sua reputação como desviante junto a determinado grupo. Em uma série como essa, o *outsider* não se reduz a apenas um evento desviante, mas a um conjunto de atos desviantes, que podem ou não ter continuidade, dependendo da reação do grupo àquela atitude ou ato desviante. Dessa forma, o *outsider* passa por um processo, do qual pode ou não se refazer, de acordo com as reações que recebe do grupo, ou dos grupos dos quais faz parte.

Dados e observações

Para obter os dados empíricos realizamos um estudo de caso em uma escola específica, o Centro de Ensino Médio 404 de Santa Maria, uma escola de ensino médio da periferia de Brasília, em meados de 2013. Dada a magnitude e a natureza aleatória dos dados nesse tipo de pesquisa, parece suficiente selecionar uma amostra do total de alunos da escola e um número de turmas, por exemplo, que represente a variedade dos alunos. Devemos considerar ainda que a população dos alunos é mais ou menos homogênea em termos de situação social, de forma que a amostra não deve interferir nos resultados.

A pesquisa foi realizada através de um questionário com perguntas pré-estabelecidas (Anexo I) foi aplicada a cento e vinte alunos entre 15 e 17 anos (2º ano do Ensino Médio). Dentre os resultados empíricos obtidos, gostaríamos de destacar alguns resultados relevantes para a nossa discussão.

Inicialmente, algumas questões nos ajudam a perceber a própria concepção de violência para aquele grupo específico. Para demonstrar essas respostas concretas, nos referimos aos gráficos 1 e 2 abaixo, relativo a questões (05 e 20, respectivamente) do questionário.



Gráfico 01 - Fonte: questionário aplicado pelo autor.

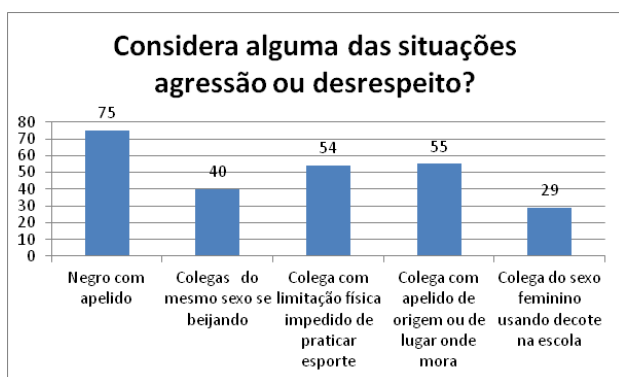


Gráfico 02 - Fonte: questionário aplicado pelo autor.

De acordo com as respostas dadas pela amostra, evidenciadas pelos gráficos 01 e 02, algumas situações parecem bastante sensíveis para os jovens naquele grupo social específico. Podemos destacar que a resposta à questão do que consideram como violência evidenciou a violência física (agressão), material (roubo) e psicológica ou moral (ameaça e xingamento) nessa ordem, como as formas mais sensíveis de violência para os jovens daquela escola. De certa forma, um resultado esperado para uma primeira abordagem sobre a violência.

Essa primeira resposta direta sobre a violência merece, porém, algumas considerações. O questionário aplicado procurou elaborar uma série de filtros nas perguntas seguintes para tentar captar outras respostas e concepções de violência mais elaboradas. O gráfico 02, por exemplo, demonstra que uma parte significativa dos respondentes estão sensíveis a questões sociais importantes, destacadamente a questão racial, com mais de 60% de respostas que a consideram agressão, ou a reação a agressões relativas ao lugar onde moram ou de origem, com 45% de respostas da amostra. Esses dados são ainda mais relevantes se considerarmos que os estudantes que disseram morar no local da escola são da ordem de 95% (questão 04) e aqueles que se declaram como negros ou pardos sejam da ordem de 81% (questão 03), embora com o dobro de respondentes declarados pardos, ou seja, um conjunto bastante homogêneo, mas com flagrante conflito. O gráfico 02 ainda demonstra uma tendência ao conservadorismo quando o assunto é gênero, com cerca de 25 a 30% considerando esse tema como agressão ou desrespeito.

Outra discussão importante para o nosso debate é a questão da violência em relação à comunidade onde moram e onde estudam. Nesse caso, vamos analisar os resultados dos gráficos 03 e 04 (questões 06 e 08, respectivamente).

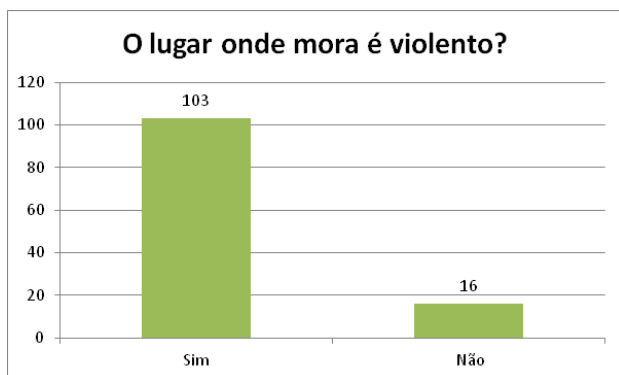


Gráfico 03 - Fonte: questionário aplicado pelo autor.

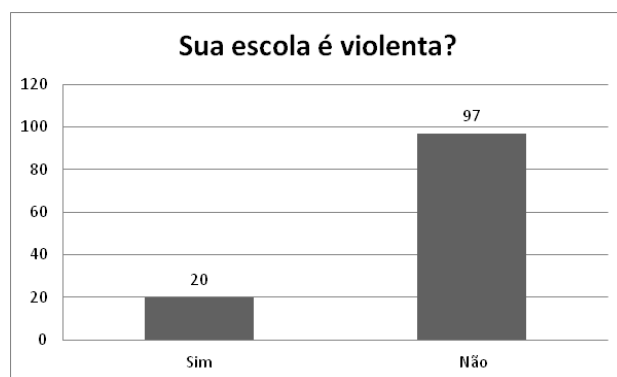


Gráfico 04 - Fonte: questionário aplicado pelo autor.

De acordo com os gráficos obtidos acima, existe uma percepção diferente sobre a violência na comunidade onde moram e na instituição escolar onde estudam, embora, como já afirmamos acima, a escola se situa na própria comunidade dos jovens, ou seja, a instituição escolar parece não captar a violência percebida na comunidade em geral.

É importante ressaltar que essa percepção diferenciada da violência na escola e na comunidade não quer dizer que os alunos não tenham presenciado qualquer violência no ambiente escolar, pelo contrário, como podemos observar no gráfico 05 (relativo à questão 09 do questionário) abaixo. De acordo com o gráfico 05, a maioria dos estudantes já presenciou violência na sua escola (lembrando as definições de violência dadas por eles mesmos acima), semelhante à resposta à mesma pergunta sobre a sua comunidade (em anexo, essa, contudo com ordem de grandeza maior).

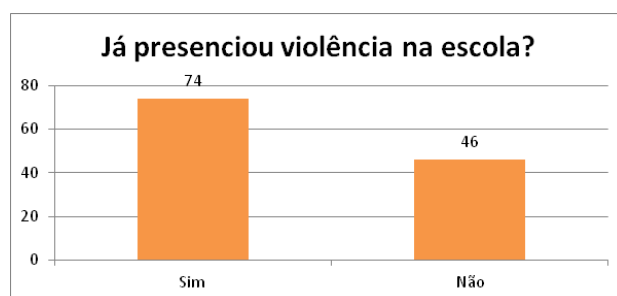


Gráfico 05 - Fonte: questionário aplicado pelo autor.

Dessa forma, a questão sobre a percepção da violência pode estar relacionada a considerações sobre a instituição onde estudam, em contraposição ao lugar onde moram. Nesse caso, é importante notar o gráfico 06 (relativo à questão 16 do questionário), que pode nos dizer algo sobre a instituição escolar e a percepção dos alunos a ela.

Como demonstra o gráfico 06, a escola onde foi aplicado o questionário é considerada pelos alunos como uma escola onde as regras são cumpridas. Cerca de 93% dos entrevistados consideram que a escola possui regras rígidas, e ainda, cerca de 41% desses respondentes ainda consideram que essas regras são cumpridas. Portanto, podemos estabelecer uma relação entre a percepção da violência com a organização institucional, talvez mais forte do que a relação entre a percepção da violência com o contato do estudante com a violência em si.

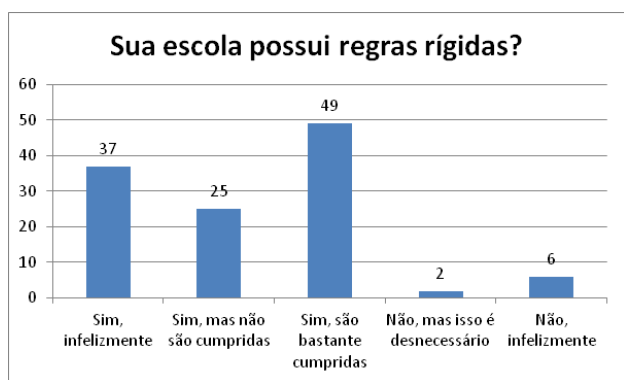


Gráfico 06 - Fonte: questionário aplicado pelo autor.

Outra discussão possível é em relação à reação dos alunos frente a uma situação de conflito. Para essa discussão vamos utilizar os dados contidos nos gráficos 07 e 08 abaixo (relativos às questões 15 e 18 do questionário).



Gráfico 07 - Fonte: questionário aplicado pelo autor.

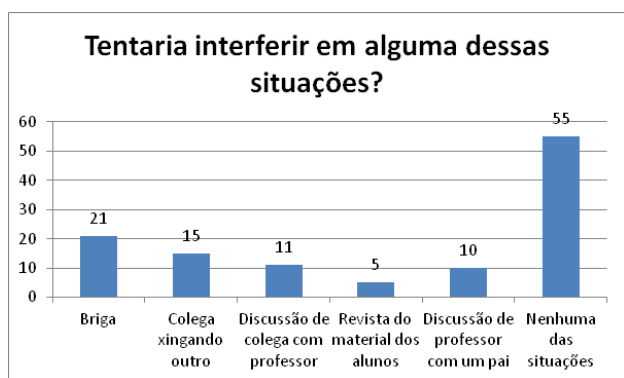


Gráfico 08 - Fonte: questionário aplicado pelo autor.

A partir dos gráficos 07 e 08 podemos concluir que a reação dos jovens frente à violência ou agressão é a não reação. Considerando que a violência é uma realidade do local onde vivem e que, mesmo que considerem a escola onde estudam um lugar não violento, a percepção geral dos jovens é que é necessário não se envolver em conflitos. É utilizada aqui a palavra "necessário" na tentativa de reforçar que a percepção geral de grupo é que no contexto do lugar onde vivem, notadamente violento, as relações sociais se constroem a partir da

falta de confiança!. O gráfico 07 demonstra claramente que essa desconfiança como base das relações entre os sujeitos se relaciona tanto na relação com a instituição escolar (somente 16% contariam para professores e direção) como com relação aos próprios colegas (apenas 25% contariam para os colegas), nesse caso, uma resposta exclui a outra. A questão de se manter a margem da violência parece ser uma questão de sobrevivência no contexto dos jovens.

Por fim, chama a atenção dois outros temas que os jovens parecem estar bastante sensíveis quando se trata de violência. Primeiramente a questão do *bullying*. Em nossa pesquisa perguntamos se os alunos do Ensino Médio consideram o *bullying*, virtual ou não, como um tipo de violência. Definimos *bullying* como uma prática constante de apelidos ou brincadeiras. O resultado está ilustrado no gráfico 09, abaixo.

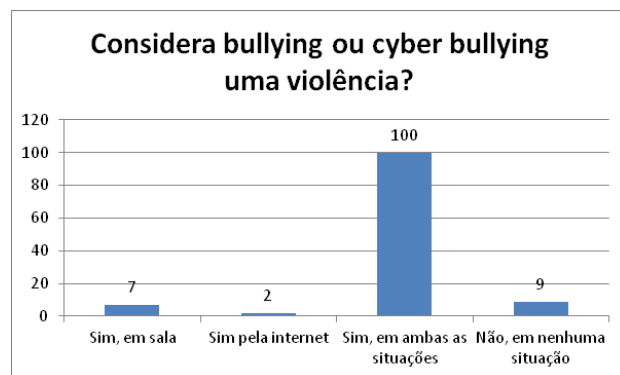


Gráfico 09 - Fonte: questionário aplicado pelo autor.

Pelo gráfico percebemos que a percepção dos jovens sobre a prática de *bullying* como uma forma de violência está bem estabelecida, com cerca de 84% respondendo sim para a questão. O resultado mostra uma tendência a discutir mais essa questão na escola nos últimos anos, um tema recorrente e importante para a formulação de políticas públicas sobre violência nas escolas.

Por fim, outro resultado interessante da pesquisa se refere à sensação de segurança e o que os alunos entendem como segurança. A questão 11 do questionário perguntava de forma simples se os alunos consideram necessária a presença de policiais na sua escola. O resultado é apresentado no gráfico 10, abaixo.



Gráfico 09 - Fonte: questionário aplicado pelo autor.

O gráfico surpreende talvez pela magnitude, já que 95% dos estudantes responderam que a polícia deve estar presente nas escolas, a maior unanimidade da pesquisa. Portanto a sensação de segurança dentro da escola parece estar ligada também à presença policial. Esse resultado é interessante já que a maioria dos jovens não considera sua escola violenta, indicando que essa presença poderia ser descartada, ao contrário do que mostrou os resultados da pesquisa. De outro lado, a hipótese de falta de confiança na polícia pode ser testada em outro momento com mais perguntas sobre o tema, pois por esses dados obtidos os alunos parecem depositar bastante confiança na força policial, apesar de relatos informais de violência policial sofrida por eles do lado de fora da escola.

Conclusão

De acordo com a metodologia proposta e as considerações teóricas levantadas esperamos com esta proposta de trabalho obter uma aproximação razoável da percepção sobre a violência entre jovens, em um contexto específico de uma escola da periferia de Brasília.

A aplicação do questionário, elaborado como meio de entendimento da percepção da violência no contexto escolar, pode demonstrar nossa expectativa teórica sobre a necessidade de enfrentamento da questão da violência a partir da expectativa do grupo social do indivíduo e não somente a partir de considerações individualistas do comportamento desviante. Através do questionário proposto podemos avaliar o perfil do *outsider*, ou seja, o perfil do indivíduo com comportamento desviante, segundo as expectativas dos grupos sociais em que se insere. Em um segundo momento, a escola poderia traçar um perfil concreto dessa figura dentro do seu próprio contexto. Dessa forma, o questionário, mostrado em anexo, procurou abordar uma série de questões sobre a violência escolar e determinar o comportamento considerado violento, ou as relações sociais consideradas violentas naquele contexto, o que poderia ser utilizado por diversas instituições com características parecidas.

Para além do perfil do *outsider*, o questionário procura levantar também o perfil dos grupos sociais deste indivíduo em questão. No entanto, gostaríamos de desmistificar a outra consideração sobre os trabalhos atuais na temática da violência, citados anteriormente, que propõem a violência como uma simples correlação entre fatores sociais e comportamentos desviantes. Dessa forma, diversas questões de cunho social e político foram colocadas no questionário a fim de interpretar o ambiente em que os alunos desenvolvem suas relações sociais com o comportamento desviante, sem, no entanto, propormos que a simples correlação entre fatores sociais considerados negativos são responsáveis pelo comportamento desviante do *outsider*. O comportamento desviante, portanto - mais do que causa e efeito entre dados sociais, segundo nossa expectativa -, possui relação mais forte com a percepção do grupo social ao qual nosso questionário se destina e a resposta a essa percepção de grupo. Assim, entre outras, citamos questões relacionadas à violência na região onde moram, violências de várias ordens, como violência psicológica, física, moral, racismo, *bullying* e *cyber bullying* e questões de gênero.

Com as respostas ao questionário devidamente tabuladas, constatamos inicialmente que o tipo de violência mais presente

e melhor percebido pelos jovens é ainda a violência física. A violência física, talvez por sua natureza, seja aquela que marca mais o indivíduo, portanto uma resposta esperada. Porém, outros tipos de violência foram frequentemente citados, como tipos de violência moral, caso da ameaça ou xingamento, e também a percepção da violência material, no caso do roubo. Uma surpresa foi a baixa percepção da agressão moral da revista forçada como violência, talvez resultado de um costume difundido no grupo de aceitar certas regras impostas pela polícia e pela escola, como o assim chamado “baculejo”.

Segundo o perfil tratado pela pesquisa, os jovens, em sua maioria de negros e pardos, consideram a violência racial como o principal tipo de violência associada a uma minoria. É importante notar essa característica em um grupo que historicamente recebe os efeitos do racismo. A pesquisa aponta também, talvez de forma surpreendente, que os alunos estão sensíveis à questão da violência aos portadores de deficiência e à questão da origem da família ou do lugar onde moram. Outro ponto importante é que grande parte dos jovens são ainda conservadores em relação à violência de gênero, ainda que não seja uma maioria. O perfil da violência entre os jovens também demonstra uma grande preocupação com as novas formas de violência, em especial o *bullying* virtual ou presencial.

Outra característica que pretendemos buscar em nosso trabalho foi uma determinação da relação entre os jovens e a instituição, gostaríamos de medir como os jovens percebem as diversas formas de hierarquia e controle promovidas pelas instituições onde transitam. No caso específico da violência, fizemos perguntas sobre a escola, os professores e a polícia. Dessa forma, esperamos apurar também a percepção dos alunos em relação à atuação dessas instituições no que se refere à questão de comportamentos desviantes, como é o caso do uso de drogas ou álcool, ou a autoridade do corpo docente em situações de conflito, ou ainda a presença de força policial dentro das instalações escolares.

Os dados coletados mostram claramente que os jovens de Ensino Médio dessa escola consideram sua localidade violenta, mas em relação ao ambiente escolar a situação é inversa. Os alunos admitem ter presenciado violência na escola, mas não a consideram um lugar violento como sua comunidade. Esse resultado aparentemente contraditório deve ser colocado em perspectiva com outra resposta ao questionário, em relação à percepção das regras institucionais. Os alunos parecem concordar que a escola possui regras bem aplicadas, em sua maioria. Nossa hipótese aponta para uma relação entre a sensação de segurança e o cumprimento das regras escolares. Aliás, em relação à sensação de segurança, ao contrário da expectativa inicial, os alunos parecem relacionar segurança na escola também à presença da força policial, ainda que essa hipótese possa ser melhor explorada em outra oportunidade com perguntas mais específicas sobre o tema.

Por fim, gostaríamos de acrescentar que uma das expectativas do trabalho se refere à criação de um instrumento metodológico adequado de medição dessa percepção da violência nas escolas e, portanto, não se resume a questões simples e diretas sobre o que é violência. Procuramos acrescentar uma série de filtros para medir da melhor maneira possível a reação dos alunos a situações cotidianas da vida escolar que envolvem,

mesmo que indiretamente, situações de violência. Por outro lado, acrescentamos que a metodologia utilizada pode servir, e esperamos que sirva, como apoio, ou como teste de qualificação dessas perguntas para que possamos aprimorar o questionário e verificar pontos de maior ou menor exatidão das respostas, ou melhor significado sociológico dos dados. Assim, esperamos que essa proposta de trabalho possa frutificar em novas metodologias e aprimoramentos da pesquisa,

seja ampliando o questionário, como instrumento principal de análise, seja indicando novos caminhos metodológicos possíveis ou mesmo direcionando novas possibilidades de pesquisa futura, como a ampliação do escopo do projeto, partindo para análises comparativas mais ambiciosas, ou estudos de caso especificamente focados nos estudantes, a partir da idéia de carreira, por exemplo. Nesse sentido, o presente projeto e seus primeiros resultados parecem promissores. ■

Notas

1 Algumas respostas paralelas e não oficiais ao questionário incluíram a frase “em boca fechada não entra mosca” em relação à questão 15.

Referências bibliográficas

BECKER, H. *Outsiders: Estudos de Sociologia do Desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
LOUREIRO, Ana Carla; QUEIROZ, Sávio. A Concepção de Violência Segundo Atores do Cotidiano de Uma Escola Particular – Uma Análise Psicológica. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v.25, n. 04, 2005.
OLIVEIRA, É.; MARTINS, S. Violência, Sociedade e Escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. *Psicologia & Sociedade*, v.19, n. 01, 2007.
PIEROBON, Mariaelena; BARAK, Mariam; HAZRATI, Sahel; JACOBSEN, Kathryn. Consumo de álcool e violência entre jovens argentinos. *Jornal de Pediatria*, v.89, n. 01, 2013.

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO DE PERCEPÇÃO DA VIOLÊNCIA

Pesquisa de percepção da violência nas escolas

1. Qual o seu sexo?

- Homem
 Mulher

2. Em que ano você nasceu?

3. Qual a sua cor ou raça?

- Branco
 Indígena
 Negro
 Oriental
 Pardo

4. Você mora na mesma região em que estuda?

- Sim
 Não

5. Das opções abaixo, qual ou quais você considera como violência? (Assinale quantas alternativas quiser)

- Ser ameaçado por alguém
 Ser xingado
 Possuir algum apelido
 Ser advertido por alguém em público
 Ter que passar por alguma espécie de revista de suas coisas
 Ser roubado
 Sofrer algum ataque físico
 Sofrer alguma punição por "mal comportamento"
 Outro (especifique)

6. Você considera o lugar onde mora violento?

- Sim

- Não

7. Você já presenciou algum tipo de violência na sua comunidade? Na sua rua, sua casa ou sua quadra, por exemplo?

- Sim
 Não

8. Você considera sua escola um lugar violento?

- Sim
 Não

9. Você já presenciou algum tipo de violência na sua escola?

- Sim
 Não

10. Você já sofreu algum tipo de violência na escola ou no lugar onde mora?

- Sim
 Não

11. Você considera necessária a presença de policiais na sua escola?

- Sim
 Não

12. Dentre as situações abaixo, qual você considera como mais inaceitável em sua escola? (Assinale apenas uma das alternativas)

- Um colega sair de sala sem autorização
 Um professor advertir um aluno na frente dos colegas
 Um colega de classe xingar outro colega
 Um colega xingar um professor
 Um professor xingar um aluno
 Um colega ser impedido de entrar na escola ou em sala de aula
 Um colega agredir fisicamente outro colega
 Um colega agredir fisicamente um professor
 Um professor agredir fisicamente um aluno

13. Você considera que se um aluno for agredido por outro colega ou por um professor ele tem o direito de revidar? (Assinale apenas uma das alternativas)

- Sim, em ambas as situações.
- Sim, se for agredido por um colega.
- Sim, se for agredido por um professor.
- Não, em nenhuma situação.

14. Você é advertido oralmente pelo professor e convidado a se retirar de sala. Qual a sua reação? (Assinale apenas uma das alternativas)

- Nenhuma. Retira-se pacificamente.
- Sai de sala, mas protestando contra o professor.
- Tenta convencer o professor a mudar de ideia.
- Recusa-se a se retirar de sala.

15. Se você presenciasse um aluno com drogas ou álcool na escola qual seria a sua reação? (Assinale apenas uma das alternativas)

- Nenhuma. Qual o problema?
- Nenhuma. Não tenho nada a ver com a situação.
- Apenas comentaria com um colega.
- Contaria para o professor.
- Contaria para a direção.

16. Você considera que sua escola possui regras rígidas? Elas são cumpridas? (Assinale apenas uma das alternativas)

- Sim, infelizmente.
- Sim, mas não são cumpridas.
- Sim, são bastante cumpridas.
- Não, mas isso é desnecessário mesmo...
- Não, infelizmente.

17. Você considera que um colega que é alvo constante de apelidos e brincadeiras ("bullying") em sala de aula ou pela internet, em redes sociais, por exemplo ("cyber bullying"), sofre um tipo de violência?

- Sim, se for cometido em sala.
- Sim, se for cometido pela internet.
- Sim, em ambas as situações.
- Não, em nenhuma das situações.

18. Em qual dessas situações você tentaria interferir se presenciasse? (Assinale apenas uma alternativa)

- Uma briga dentro da escola
- Um colega xingando o outro
- Uma discussão entre aluno e professor
- Uma revista do material dos alunos
- Uma discussão entre um professor e um pai
- Nenhuma das situações

19. Você considera o preconceito de raça um tipo de violência?

- Sim
- Não

20. Você considera agressão ou desrespeito alguma dessas situações? (Assinale quantas alternativas quiser)

- Um colega negro ser chamado por algum apelido.
- Dois colegas do mesmo sexo se beijando.
- Um colega com algum tipo de limitação física ser impedido de praticar algum esporte com os outros.
- Um colega de classe ter algum apelido relacionado ao lugar em que nasceu ou onde mora.
- Uma colega do sexo feminino usar roupas com decote na escola.

"Obrigado por responder a este questionário, sua participação é muito valiosa para nossa pesquisa."

APÊNDICE – TABELAS

	SIM	NÃO	TOTAL
Q4	115	5	120
Q6	103	16	119
Q7	112	7	119
Q8	20	97	117
Q9	74	46	120
Q10	45	75	120
Q11	115	5	120
Q19	111	6	117

Tabela 01 – questões 04, 06, 07, 08, 09, 10, 11 e 19

Fonte: Questionário ANEXO I

	Homem	Mulher				TOTAL
Q1	52	68				120
	1994	1995	1996	1997	1998	
Q2	0	11	56	41	3	111
	Br	Ind	Neg	Ori	Par	
Q3	22	0	32	0	66	120

Tabela 02 – questões 01, 02 e 03

Fonte: Questionário ANEXO I

	r1	r2	r3	r4	r5	r6	r7	r8	OUTRO	TOTAL
Q5	95	58	11	7	12	87	103	6	1	380
	r1	r2	r3	r4	r5	r6	r7	r8	r9	
Q12	5	3	7	6	6	7	6	26	31	97
	r1	r2	r3	r4						
Q13	44	8	2	66						120
	r1	r2	r3	r4						
Q14	62	25	28	3						118
	r1	r2	r3	r4	r5					
Q15	6	63	31	5	15					120
	r1	r2	r3	r4	r5					
Q16	37	25	49	2	6					119
	r1	r2	r3	r4						
Q17	7	2	100	9						118
	r1	r2	r3	r4	r5	r6				
Q18	21	15	11	5	10	55				117
	r1	r2	r3	r4	r5					
Q20	75	40	54	55	29					253

TABELA 03 – QUESTÕES 05, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 E 20

Fonte: Questionário ANEXO I